

## As ilusões da civilização na obra de Eça de Queiroz

**RENATO NUNES BITTENCOURT\***

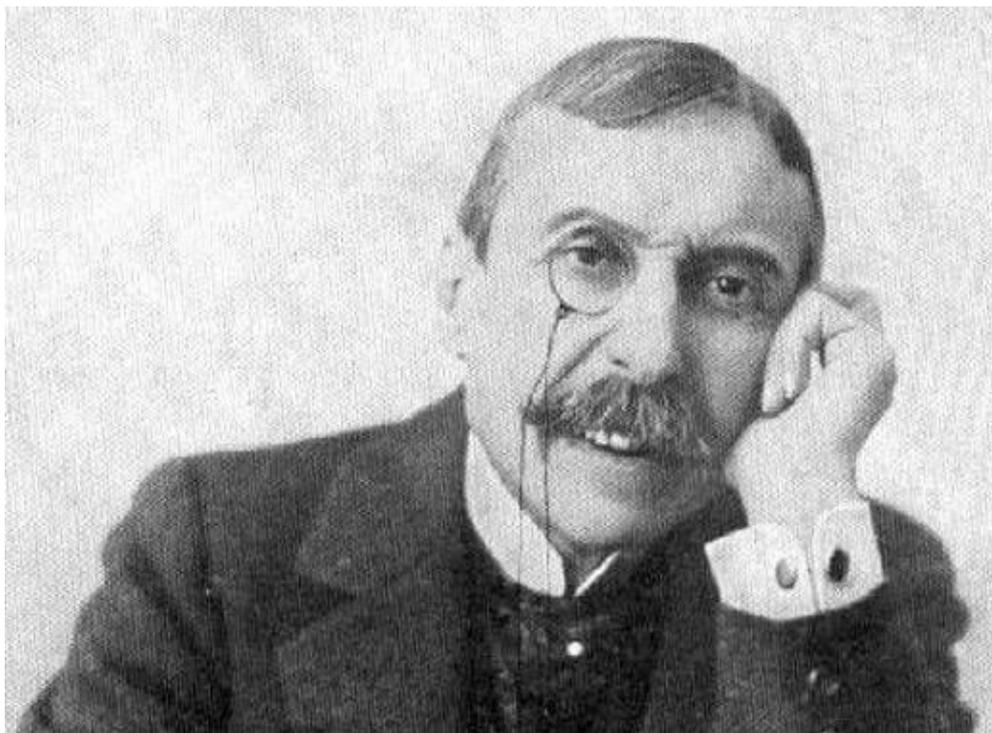
### **Resumo:**

Neste artigo abordamos, mediante a análise literária de *A Cidade e as Serras* de Eça de Queiroz e a antítese axiológica entre o sentido da vida humana na efervescência da cidade moderna e seus inerentes aparatos técnicos, e o modo bucólico de vida campestre, livre das pressões metropolitanas e do encantamento do progresso material, muitas vezes um fardo depositado no dorso do homem moderno.

**Palavras-chave:** Progresso; Civilização; Técnica; Modernidade.



\* **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor da FACC-UFRJ



Eça de Queiroz (1845-1900)

### Introdução

No contexto da obra de Eça de Queiroz, certamente a questão do progresso da civilização e do advento da técnica se encontra de maneira mais elaborada no romance *A Cidade e as Serras*, texto de maturidade do autor. Há que se ressaltar que nessa obra existe uma grande guinada na prosa eçadiana, pois o foco mais importante destacado no romance não é mais a crítica aos depravados costumes da decadente sociedade burguesa, mas a reflexão existencial sobre o sentido da vida humana em um processo vertiginoso de transformações técnicas, vida intensa inserida do ruidoso espaço social da cidade urbana. Trata-se de investigar no que consiste a vida do civilizado homem da era moderna, detentor dos meios técnicos que lhe proporcionam o razoável controle sobre as forças da natureza e a paulatina supressão de toda contingência prejudicial ao progresso material da sociedade industrial. Todavia, tal como Eça de Queiroz demonstrará ao longo de seu romance, o progresso técnico não é a

garantia da obtenção da felicidade humana; na verdade, muitas vezes o famigerado desenvolvimento técnico é o gerador de sua própria ruína, pois motiva a dependência do homem do aparato artificial da técnica, anulando suas qualidades empreendedoras naturais. Essa circunstância decorre talvez do fato de que o homem moderno tenha se esquecido do modelo de vida dos seus antepassados, cujo controle do tempo se dava de uma maneira mais harmoniosa, livre das tensões dos insalubres núcleos urbanos. Isso não significa que o modo de vida das gerações egrégias fosse mais salubre e dotado de maior qualidade, mas a relação metabólica com a natureza era mais harmoniosa.

A ideia de progresso como uma grande ilusão da modernidade se torna um dos grandes pontos de profunda relevância filosófica do romance de Eça de Queiroz, indo de encontro aos valores preconizados pela sociedade oitocentista, partidária da crença de que o aprimoramento técnico tornaria a vida

humana melhor, tanto nos seus aspectos materiais como morais. Mais ainda, a própria concepção de progresso é uma construção ideológica da cultura moderna, que ansiava pela projeção de uma perspectiva que salientasse o próprio ponto de destaque da modernidade em relação aos períodos anteriores da civilização ocidental. Acerca dessa questão, podemos tomar o exemplo de Nietzsche, que realiza diversas críticas ao conceito de progresso, partindo dessas mesmas premissas, considerando que a ideia de progresso é axiologicamente falsa, e de modo algum representa o desenvolvimento da vida humana para algo de melhor:

Ao contrário do que hoje se crê, a humanidade não representa uma evolução para algo de melhor, de mais forte ou de mais elevado. O “progresso” é simplesmente uma ideia moderna, ou seja, uma ideia falsa. O europeu de hoje vale bem menos do que o europeu do Renascimento; desenvolvimento contínuo não é forçosamente elevar-se, aperfeiçoar-se, fortalecer-se (NIETZSCHE, 1997, p. 17).

Nietzsche rechaça assim a validade do espírito do progresso como uma mistificação simultaneamente ao ambivalente sentido de moderno, axiologicamente impreciso, pois, em uma perspectiva histórica, não necessariamente o atual deve ser imputado como melhor do que o passado. Nessas condições, o mesmo estado de progresso, que poderia proporcionar ao homem um maior requinte na sua vida prosaica, favorece também a dominação brutal do homem pelo homem e sua submissão aos aparatos técnicos, que constantemente entram colapso, prejudicando assim os projetos empreendedores dos sujeitos. Essa distorção ocorre quando o desenvolvimento da ciência e da

tecnologia é utilizado como instrumento de destruição da própria humanidade, quando os sujeitos cobiçosos por mais e mais poder e controle empregam os meios mais brutais pela imposição dos seus objetivos particulares sobre a humanidade alheia de sua dignidade e a natureza é deflorada violentamente.

Eça de Queiroz, em *A Cidade e as Serras*, demonstra então que o apego incondicional ao progresso técnico é apenas uma das maneiras encontradas pelo homem moderno de camuflar a grande ferida ontológica de sua existência fragmentada, uma vez que, no desfrute do maravilhoso mundo da era industrial, o homem se aliena de sua própria consciência criativa, com o intuito de poder gozar ao máximo dos apelos da matéria, em uma vida desprovida de elevação de consciência. Ao substituir sua inteligência e força física pela maquinação da vida, o homem desenraiza sua própria potência criativa, e quando ocorre um colapso técnico, o sujeito dependente da técnica não consegue resolver de maneira satisfatória seus problemas mais triviais. Nessas condições, cabe a seguinte pergunta: será que o progresso material é garantia de obtermos a tão sonhada felicidade?

Justamente pelo fato de considerar que o espírito de progresso é uma elaboração falsa da cultura oitocentista, Eça de Queiroz, através do seu desventurado personagem Jacinto, demonstra essa incongruência do projeto de existência presente na ideologia de vida da cultura ocidental da modernidade. Conforme veremos a seguir, Jacinto sofre o embate, na sua afetividade, entre o valor do desenvolvimento contínuo civilização, expressado pelo efusivo mundo da técnica, e o valor da simplicidade, exibido pela saudável vida campestre, efetivada em uma experiência de tempo que suprime a pressa dos movimentos e a

submissão pessoal aos malefícios extenuantes da insanidade metropolitana. Será possível uma conciliação razoável entre essas duas dimensões?

### **Exaltação e ilusão do progresso**

Tal como destaca a narrativa eçadiana de *A Cidade e as Serras*, a excitação de Jacinto pela miríade de inovações técnicas expressa a crença positivista na ideia do progresso como elemento regenerador da civilização humana, em uma interessante equação: “Suma ciência x suma potência = suma felicidade” (EÇA DE QUEIROZ, 2006, p. 99).

A sociedade europeia do Oitocentismo vivia essa efervescência febril de acreditar que os avanços tecnológicos decorrentes da acelerada industrialização proporcionariam um aprimoramento das condições materiais da vida da humanidade, de maneira que finalmente esta poderia obter o pleno controle sobre a “insubmissa natureza”, considerada como a poderosa força que controlou o ímpeto humano ao longo de milênios. Mais ainda, que esse avanço técnico poderia servir de instrumento para o aperfeiçoamento moral do homem.

Essa crença no poder da ciência se justifica quando nos deparamos com a trajetória de nossa civilização judaico-cristã, que permaneceu ao longo de vários séculos sob a égide do poder teológico da Igreja Católica, dominadora de todo tipo de opinião acerca do destino do homem e da sua ação na natureza. Esse controle ideológico motivou o obscurantismo da racionalidade humana, incapaz de expressar livremente o seu potencial criativo de intervenção e transformação da natureza circundante em vista do beneficiamento social abrangente. O protestantismo, que seria uma possível reforma moral e espiritual em relação ao establishment católico, apenas propôs a supressão da milenar ritualística romana,

mas perpetuou os antigos erros teológicos da grande mãe cristã, oprimindo todas as disposições sociais que não se coadunassem com os princípios puritanos subjacentes.

O advento do positivismo expressa o projeto de emancipação do ser humano do sufocante espírito teológico, marcado pela compreensão supersticiosa da realidade. Todavia, o grande problema dessa perspectiva consistia no fato de que a crença no poder da ciência de aprimorar o mundo e o homem mantinha ainda as velhas bases da concepção moral da existência em plena vigência axiológica. A humanidade moderna, seduzida pelo fetiche da técnica, excluíra Deus de seu horizonte moral, e inserira a ciência como o novo ídolo a ser adorado, denotando assim a sua incapacidade de viver sem uma ideia de grandeza que lhe servisse de base para o desenvolvimento de sua existência.

Nessas condições, a grande inovação ideológica do positivismo seria a de estimular uma era de incentivo ao processo de pesquisa das múltiplas possibilidades de domínio sobre a natureza em prol do benefício humano, apesar de que essa corrida científicista, conforme dito, não reformulara radicalmente as bases existenciais da cultura oitocentista, que ainda dependia de um conforto metafísico como modo de explicar os grandes mistérios da existência, sombra de Deus que não se dissipou. O amor pela ciência seria uma dessas maneiras do homem obter um razoável bem-estar moral diante do caráter de transformação da natureza, pois a prática da ciência se tornara como que uma espécie de remédio para o apaziguamento interior do homem moderno, excitado por tantos estímulos de novidade tecnológica em sua infundável busca por segurança, estabilidade e conforto. “A explicação

dos fatos, reduzida então a seus termos reais, se resume agora em diante na ligação estabelecida entre os diversos fenômenos particulares e alguns fatos gerais, cujo número o progresso da ciência tende a diminuir” (COMTE, 1996a, p. 22-23). Nietzsche, em sua análise profunda das ilusões da consciência moderna, dissera em um fragmento póstumo famoso compilado na KSA XII, 7 [60]) uma incisiva crítica a tal pretensão epistemológica: “Contra o positivismo, que fica no fenômeno ‘só há fatos’, eu diria: não, justamente não há fatos, só interpretações. Não podemos verificar nenhum fato “em si”: talvez seja um absurdo querer uma tal coisa” (NIETZSCHE, 1980, p. 315).

O Fidalgo Jacinto, no decorrer da narrativa eçadiana, demonstra inúmeras inquietações na sua consciência, ao se deleitar com as “maravilhosas” inovações proporcionadas pelo desenvolvimento dos aparatos tecnológicos da indústria, que representam a mais extraordinária força engendradora dos tempos modernos. Em diversos momentos da narrativa, podemos constatar que Jacinto e o seu fiel amigo Zé Fernandes exclamam aquele que podemos considerar como o lema que perpassa toda a obra: “Eis a civilização!” (EÇA DE QUEIROZ, 2006, p. 64) Essa situação decorre da elaboração histórica que nossa cultura ocidental criou do conceito de “civilização”, compreendida como o processo evolutivo no qual uma sociedade passa dos estados mais inferiores de organização política, aprimorando as suas instituições sociais, os seus recursos técnicos e o seu domínio sobre os recursos naturais, dentre outras possibilidades axiologicamente convergentes. O desenvolvimento civilizacional exige assim um senso racional de administração da sociedade, em sua aspiração teleológica pelo aprimoramento contínuo das suas

condições materiais, em prol da instauração da paz sócia, da harmonia e da qualidade de vida dos habitantes circunscritos em determinado território:

A verdadeira filosofia se propõe a sistematizar, tanto quanto possível, toda a existência humana, individual e sobretudo coletiva, contemplada ao mesmo tempo nas três ordens de fenômenos que a caracterizam, pensamentos, sentimentos e atos. Sob todos esses aspectos a evolução fundamental da humanidade é necessariamente espontânea, e a exata apreciação de sua marcha natural é a única a nos fornecer a base geral de uma sábia intervenção (COMTE, 1996b, p.75).

Contudo, apesar de toda essa exaltação desmedida pelo progresso técnico própria da sociedade oitocentista, um aspecto interessante de personalidade de Jacinto que merece ser analisado consiste na sua grande frivolidade em relação aos inúmeros aparatos que ele continuamente adquire, dos quais de maneira muito célere se cansa. Apesar de possuir um grande conjunto de recursos de alta tecnologia produzidos pela engenhosidade industrial oitocentista, Jacinto não consegue alcançar a paz de espírito que tanto desejava. Considera todo esse conjunto de criações algo demasiado maçante, pois sempre se enjoa de tudo aquilo que adquiria. Sua vida é uma oscilação constante entre o tédio e a agitação psíquica, evidenciando a ausência de qualquer controle sobre si mesmo, pois sempre depende de causas externas para manter sua consciência em estado de excitação. Nesse ponto, a aproximação com a filosofia de Schopenhauer e sua decifração do enigma da vontade insaciável do homem é inevitável:

Querer e esforçar-se são sua única essência, comparável a uma sede insaciável. A base de todo querer,

entretanto, é necessidade, carência, logo, sofrimento, ao qual consequentemente o homem está destinado originalmente pelo seu ser. Quando lhe falta o objeto do querer, retirado pela rápida e fácil satisfação, assaltam-lhe vazio e tédio aterradores, isto é, seu ser e sua existência mesma se lhe tornam um fardo insuportável. Sua vida, portanto, oscila como um pêndulo, para aqui e para acolá, entre a dor e o tédio, as quais em realidade são seus componentes básicos. Isso também foi expresso de maneira bastante singular quando se disse que, após o homem ter posto todo sofrimento e tormento no Inferno, nada restou para o Céu senão o tédio (SCHOPENHAUER, 2005, p. 401-402).

A ideia de progresso técnico se tornara para Jacinto uma grande ilusão, uma vez que toda a parafernália criada pelo engenho humano não era capaz de lhe garantir a beatífica paz de espírito, a felicidade plena, mas apenas gozos imediatos que logo se dissolviam. Podemos ver em diversos momentos da obra manifestações de seu enfado diante das últimas novidades tecnológicas, o que demonstra a sua constante incapacidade de se saciar diante dos frutos do progresso humano nas ciências e nas artes. De que adianta possuir uma biblioteca com milhares de exemplares se nem mesmo centenas desses livros foram lidas refletidamente? O acesso aos benefícios da técnica não são, necessariamente, recursos capazes de proporcionar felicidade ao civilizado homem moderno, pois não raro acabam motivando justamente o efeito contrário daquele projetado nessas esperanças, através da manifestação de estados de tédio na afetividade humana. Conforme relatado no romance pelo personagem Zé Fernandes acerca das vicissitudes das benesses da civilização,

Nem a ciência, nem as artes, nem o dinheiro, nem o amor, podiam já dar um gosto intenso e real às nossas almas saciadas. Todo o prazer que se extraía de criar, estava esgotado. Só restava, agora, o divino prazer de destruir! (EÇA DE QUEIROZ, 2006, p. 99).

Para aquele que a aquisição de tais bens de consumo técnico se encontra na mais favorável disposição, o valor simbólico das coisas tende a diminuir muito rapidamente, na medida em que novos recursos técnicos vão sendo criados. O obsoleto é substituído pelo novo em um processo interminável, pois aquilo que é considerado como novo em uma dada circunstância será também tachado de velho. Conforme Kant,

A atenção é vivificada por aquilo que é novo, de que também faz parte o raro e o que estava oculto. Pois o novo é uma aquisição; logo, a representação sensível ganha com ele mais intensidade, o costumeiro ou o habitual a apaga (KANT, 2006, p. 62).

Jacinto expressa perfeitamente essa característica do homem moderno, a sua incapacidade de conceder valor duradouro para as coisas que constituem a ordenação material da sua vida cotidiana, sem obter, contudo, serenidade no ânimo, pois o ânimo apresenta uma busca insaciável pela novidade, disposição brilhantemente abordada por Georg Simmel:

A mudança da moda mostra a medida do embotamento da sensibilidade; quanto mais nervosa for uma época, tanto mais depressa se alteram as suas modas, porque a necessidade de estímulos diferenciadores, um dos sustentáculos essenciais de toda a moda, caminha de braço dado com o esgotamento das energias nervosas (SIMMEL, 2008, p. 30)

Na Modernidade o gosto humano muda de maneira aceleradíssima, tornando impossível o apego a qualquer tipo de tendência, estilo, modo de ser. O sujeito encontra-se premido a mudar continuamente, acompanhando o ritmo heterônomo. O estado de progresso técnico fora proclamado ao longo da modernidade oitocentista como a grande idade de ouro na qual o homem poderia se libertar definitivamente da prisão imposta pelo poder da natureza, de maneira a inclusive obter domínio sobre o tempo cronológico de seu cotidiano, que seria mais bem aproveitado para fins de cultivo pessoal, aprimoramento moral do homem. Todavia, não é isso que acontece com a sociedade civilizada da modernidade. Conforme a esperança elitista oitocentista, o usufruto das maravilhas da tecnologia amplia o tempo disponível do ser humano para a prática de atividades contrárias ao labor, mas poucas pessoas eram capazes de se utilizar desse tempo livre de forma genuinamente construtiva para a própria construção afetiva e cultural da condição humana, pois uma grande massa humana operária era mantida sob o jugo do trabalho alienado, exaurindo-se nas fábricas pela obtenção da sobrevivência diária.

Para as classes economicamente viáveis, a otimização do tempo gera o ócio, e pelo ócio, nasce o tédio, um exemplo do grande mal-estar do homem moderno, incapaz de gerenciar de maneira satisfatória o seu tempo de vida em ações construtivas, emancipadas de toda necessidade material urgente. Em vista dessas questões, podemos considerar que, apesar de todos os benefícios proporcionados pelo uso da inovação técnica na prática de vida, essas inovações não motivam no homem moderno o desenvolvimento de um padrão existencial no qual a excitação da vida urbana é direcionada para a tentativa

de aquisição do progresso cultural e, em condições ainda mais elevadas, da conquista da felicidade genuína. Segundo Schopenhauer,

Toda satisfação, ou aquilo que comumente se chama felicidade, é própria e essencialmente falando apenas negativa, jamais positiva. Não se trata de um contentamento que chega a nós originalmente, por si mesmo, mas sempre tem de ser a satisfação de um desejo; pois o desejo, isto é, a carência, é a condição prévia de todo prazer. Com a satisfação, entretanto, finda o desejo, por consequência o prazer. Eis por que a satisfação ou o contentamento nada é senão a liberação de uma dor, de uma necessidade, pois a esta pertence não apenas cada sofrimento real, manifesto, mas também cada desejo, cuja inoportunidade perturba nossa paz, sim, até mesmo o mortífero tédio que torna a nossa existência um fardo (SCHOPENHAUER, 2005, p. 411).

O tédio existencial decorre justamente dessa incapacidade do homem civilizado se satisfazer com os benefícios técnicos que se encontram a sua disposição, de maneira que ele pretende sempre experimentar novos estímulos sensoriais, cada vez mais fortes e intensos, para que possa de alguma maneira obter a saciedade dos seus apetites. Todavia, esse estado de satisfação nunca é alcançado, uma vez que na medida em que o homem moderno usufrui avidamente de um dado benefício, ele muito rapidamente descarta o mesmo, em vista da posse e do uso de outro recurso técnico momentaneamente mais sofisticado. Esse processo tende a perdurar pela vida do homem apegado ao mundo dos bens materiais até o momento em que este se dá conta de que o próprio apego ao maravilhoso mundo do progresso técnico é uma grande ilusão, pois a hipertrofia do desenvolvimento

material não concede ao ser humano a sua autorrealização como pessoa, capaz de compreender o seu próprio potencial criativo.

Como possibilidade de se libertar do sufocante jugo da técnica, resta assim a possibilidade do retorno ao modelo de vida no qual o homem pode se reencontrar a si mesmo, através do contato imediato com a natureza. Trata-se da volta do homem civilizado ao espaço da vida bucólica, através da afirmação da beleza original da dimensão campestre, caracterizada pela sua negação do tipo de tempo cronológico marcado pela constante agitação e tensão psíquica, tal como existente no núcleo urbano da cidade, na qual temos que cumprir metas estabelecidas, concorrer pela predominância de nosso ponto de vista sobre a classe circundante de homens, para que possamos assim obter a hegemonia sobre os demais concorrentes. Esse processo de luta pela vitória duradoura mitiga a força vital do homem urbano, sendo um dos fatores para o surgimento de algumas moléstias psicossomáticas no seu organismo e sua neurastenia crônica. Conforme argumenta Georg Simmel,

O fundamento psicológico sobre o qual se ergue o tipo de individualidade das metrópoles consiste na intensificação da estimulação nervosa resulta da rápida e ininterrupta mudança de estímulos externos e internos (SIMMEL, 2004, p. 76).

No romance de Eça de Queiroz, Jacinto somente consegue aquietar a sua afetividade quando ele desvia o seu olhar sobre a cidade e as suas inerentes realizações técnicas, em prol do aconchego da vida campestre. Mais ainda, a fuga do meio urbano liberta Jacinto das patologias nervosas típicas dos grandes centros urbanos, marcados pela citada atribulação dos seus

elementos constituintes. O ato de se livrar das vertigens ilusórias da efervescência dos apelos da cidade torna o homem mais saudável, pois que ele fortalece a sua própria estrutura fisiológica de assimilação das experiências cotidianas. Inclusive, esse distanciamento da mundanidade da vida citadina retira do seu âmago o sentimento pessimista em relação aos caracteres da vida prosaica.

Essa circunstância justifica o fato de Jacinto abandonar abruptamente a leitura das obras de Schopenhauer, filósofo que, na profundidade de sua visão de mundo, se caracterizara por criticar o apego humano ao ilusório estado de progresso, considerando tudo isso como uma grande bobagem criada pela mente vazia do homem moderno. Schopenhauer parte de uma compreensão de mundo provida de um acentuado tom pessimista, decorrente da percepção da existência como um grande palco de dor. Enquanto Jacinto vivia na ruidosa cidade, tal perspectiva se mostrava pertinente de ser vivenciada; contudo, ao resolver abandonar os apelos sedutores da civilização, esse sistema filosófico poderia ser descartado, pois a idealizada vida no campo não valoriza a posse de bens, mas a felicidade íntima decorrente do apaziguamento do ânimo pela inserção metabólica do homem no ciclo da natureza. Daí a justificativa para a filosofia de Schopenhauer ser deixada de lado pelo renascido Jacinto, abrindo as portas para a integração do protagonista com o ar renovador do campo:

Jacinto já não corcoava. Sobre a sua arrefecida palidez de supercivilizado, o ar montesino, ou vida mais verdadeira, espalhava um rubor trigueiro e quente de sangue renovado que o virilizava soberbamente (EÇA DE QUEIROZ, 2006, p. 205).

Podemos considerar a agitação urbana como motivadora por excelência da decadência psicofisiológica do homem

moderno, no sentido de que esse processo de tensão constante prejudica a própria afetividade humana, assim como a sua sensível estrutura física, fragilizada pela falta de moderação existente no ritmo de vida urbano, onde as relações interpessoais se tornam fúteis e velozes, desprovidas de profundidade psicológica.

A percepção do homem bucólico acerca do tempo se caracteriza justamente pela ausência de estados de tensão na sua percepção da natureza e da vida cotidiana, quietude essa que não deve jamais ser considerada como uma mera passividade de caráter, mas sim como uma atitude vigorosa, pois demonstra o alheamento do homem campestre das fantasias proporcionadas pela agitação nervosa da vida urbana e seus estímulos excitantes:

Na natureza nunca eu descobriria um contorno feio ou repetido! Nunca duas folhas de hera, que, na verdura ou recorte, se assemelhassem! Na cidade, pelo contrário, cada casa repete servilmente a outra casa; todas as faces reproduzem a mesma indiferença e a mesma inquietação; as ideias têm todas o mesmo valor, o mesmo cunho, a mesma forma, como as libras; e até o que há de mais pessoal e íntimo, a ilusão, é em todos idêntica, e todos respiram, e todos se perdem nela como no mesmo nevoeiro... A mesmice – eis o horror das cidades (EÇA DE QUEIROZ, 2006, p. 211).

Usualmente se considera a vida no campo como a experiência da mesmice, pois aparentemente nada de novo ocorre; em verdade, na vida urbana é que efetivamente ocorre o comum, pois a massificação do espírito coletivo das organizações metropolitanas despersonaliza o sujeito, tornando-o anônimo no meio do todo, apenas um corpo sem rumo.

Uma vez que o modelo de vida campestre prescinde de toda espécie de aparato técnico sofisticado, o tipo humano que habita em tal espaço inviolado, naturalmente forte e sadio, não se deixa enganar pelo “canto de sereias” da ideia de progresso, tampouco pelas suas sedutoras visões enganadoras. O valoroso *fugere urbem* é a emancipação da condição humana de tudo aquilo que impede a expansão da sua vitalidade natural, pois manifesta a sua capacidade de trazer novamente o homem civilizado ao núcleo primordial da vida humana, a natureza, livre dos parâmetros quantitativos impostos pelo espírito da ciência e do caótico ritmo de vida constituinte dos centros urbanos.

### Considerações finais

O analisado romance de Eça de Queiroz se manifesta como um importante discurso contrário ao poderoso efeito sedutor proporcionado pelo advento do progresso técnico vigente ao longo do Oitocentismo na mentalidade da civilização ocidental. Enquanto toda uma cultura afirmava o valor absoluto da atividade científica como elemento regenerador da humanidade, Eça de Queiroz toma partido de uma posição diametralmente oposta, enfatizando a tese de que os avanços da técnica somente são adequados ao nosso existir quando utilizados para o benefício mútuo do homem, sem que, entretanto, deixemos de lado a consideração sobre o valor da natureza, cuja atmosfera não fora contaminada pelo processo de agitação da sociedade urbana. A crença no progresso da técnica como força capaz de fazer avançar o nível de desenvolvimento da civilização humana revelou-se uma grande estultícia da parte dos seus ideólogos, pois que o conjunto dessas inovações apenas serviu para potencializar a dominação de alguns povos ditos “civilizados” sobre outros

povos ditos inferiores. Essa apologia doentia ao tecnicismo fomentou guerra até mesmo entre as nações ditas superiores, tal como ocorrido na Primeira Guerra Mundial, o evento que encerrou violentamente o sonho dourado da belle époque do “civilizado” mundo ocidental. Podemos dizer que esses devaneios que faziam a cultura europeia crer no poder metafísico da ciência se abala profundamente a partir dessa circunstância, pois havia o utópico pensamento segundo o qual o domínio científico encerraria as contendas entre os povos, proporcionando assim a instauração de uma grande era de paz, a tão sonhada paz perpétua postulada pelo otimismo iluminista. Um erro crasso, pois na medida em que avança o desenvolvimento técnico, mais intenso se torna o desejo de dominação do mais forte pelo mais fraco.

Mais ainda, temos que destacar que esse progresso científico obtido pelas nações milenares do mundo ocidental foi garantido através da espoliação sobre as riquezas dos povos considerados preconceituosamente como inferiores. Ora, trata-se de uma grande contradição, pois como que o estado de progresso, considerado o redentor da condição humana, pode se valer da opressão sobre outros povos? Esse estado de progresso faz com que o detentor do aparato técnico pretenda cada vez mais obter vantagens materiais, o que gera os anteriormente citados estados de grande tensão, pois a busca pelo acréscimo de tecnologia não se encerra jamais, e se torna ainda mais forte quando esse processo de aquisição dos bens científicos é motivado pelo desejo egoísta de oprimir o homem e o mundo natural. Da mesma maneira como Eça de Queiroz demonstra através do exemplo de Jacinto, uma possibilidade do homem civilizado se libertar desse jugo, encontra-se na sua feliz integração com a

natureza, processo no qual conseguimos agir sem as máscaras impostas pela hipócrita vida social do meio urbano.

No grande jogo entre o valor da cidade e o valor do campo, este último, apesar de menosprezado pela turbulenta consciência do homem moderno, acaba obtendo a vitória final, pois que a exaustão das nossas forças vitais somente se soluciona quando podemos desfrutar da pureza da vida bucólica, cuja atmosfera nos sugere a autêntica liberdade de espírito, tão cara ao dito homem civilizado.

#### Referências

COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva**. In: **Vol. Auguste Comte** (Os Pensadores) Trad. de José Arthur Giannotti. São Paulo: Nova Cultural, 1996a.

\_\_\_\_\_. **Discurso preliminar sobre o conjunto do Positivismo**. In: **Vol. Auguste Comte** (Os Pensadores) Trad. de José Arthur Giannotti. São Paulo: Nova Cultural, 1996b.

EÇA DE QUEIRÓZ, José Maria. **A Cidade e as Serras**. São Paulo: Hedra, 2006.

KANT, Immanuel. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. Trad. de Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo**. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 1997.

\_\_\_\_\_. **Sämliche Werke. Kritische Studienausgabe**. Edição organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. 15 Vols. Berlim: Walter de Gruyter, 1980.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo como Vontade e como Representação**. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

SIMMEL, Georg. “Filosofia da Moda” In: **Filosofia da Moda e outros escritos**. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Texto & Grafia, 2008, p. 21-57.

\_\_\_\_\_. “As metrópoles e a vida mental” In: **Fidelidade e Gratidão e outros textos**. Trad. de Maria João Costa Pereira e Michael Knoch. Lisboa: Relógio d’água, 2004, p. 75-94.